

DEBATE

Secretários de saúde divergem sobre PAS

Reunião realizada no “Estado” mostra opiniões divergentes a respeito do plano

Os secretários de saúde do município, Getúlio Hanashiro, e do Estado, José da Silva Guedes, divergem frontalmente sobre a proposta apresentada pela Prefeitura de São Paulo para alterar o modelo de assistência médico-hospitalar na Capital, o Plano de Atendimento à Saúde (PAS). O debate promovido no último dia 23 pelo Estado, com seis representantes do setor, terminou marcando o primeiro encontro entre os dois secretários para tratar do assunto desde que o plano foi anunciado, em janeiro deste ano, quando Hanashiro assumiu a Secretaria.

O plano prevê o cadastramento da população que usa a rede pública e o repasse das unidades a cooperativas de trabalhadores da saúde, remuneradas à base de R\$ 10,00 por morador cadastrado. O decreto de abril que criou o PAS foi contestado na Justiça por meio de mandado de segurança impetrado pela bancada do PT na Câmara, que obteve liminar barrando a criação. No início da semana, a Prefeitura decidiu recuar e enviou o projeto de lei à Câmara.

Participaram também do debate, mediado pela repórter Stella Galvão, o vereador e médico Nelson Proença (PSDB), o ex-secretário municipal Raul Cutait, o presidente da Associação Paulista de Medicina, José Knoplich, e o presidente do Sindicato dos Médicos do Estado, Tito Nery.

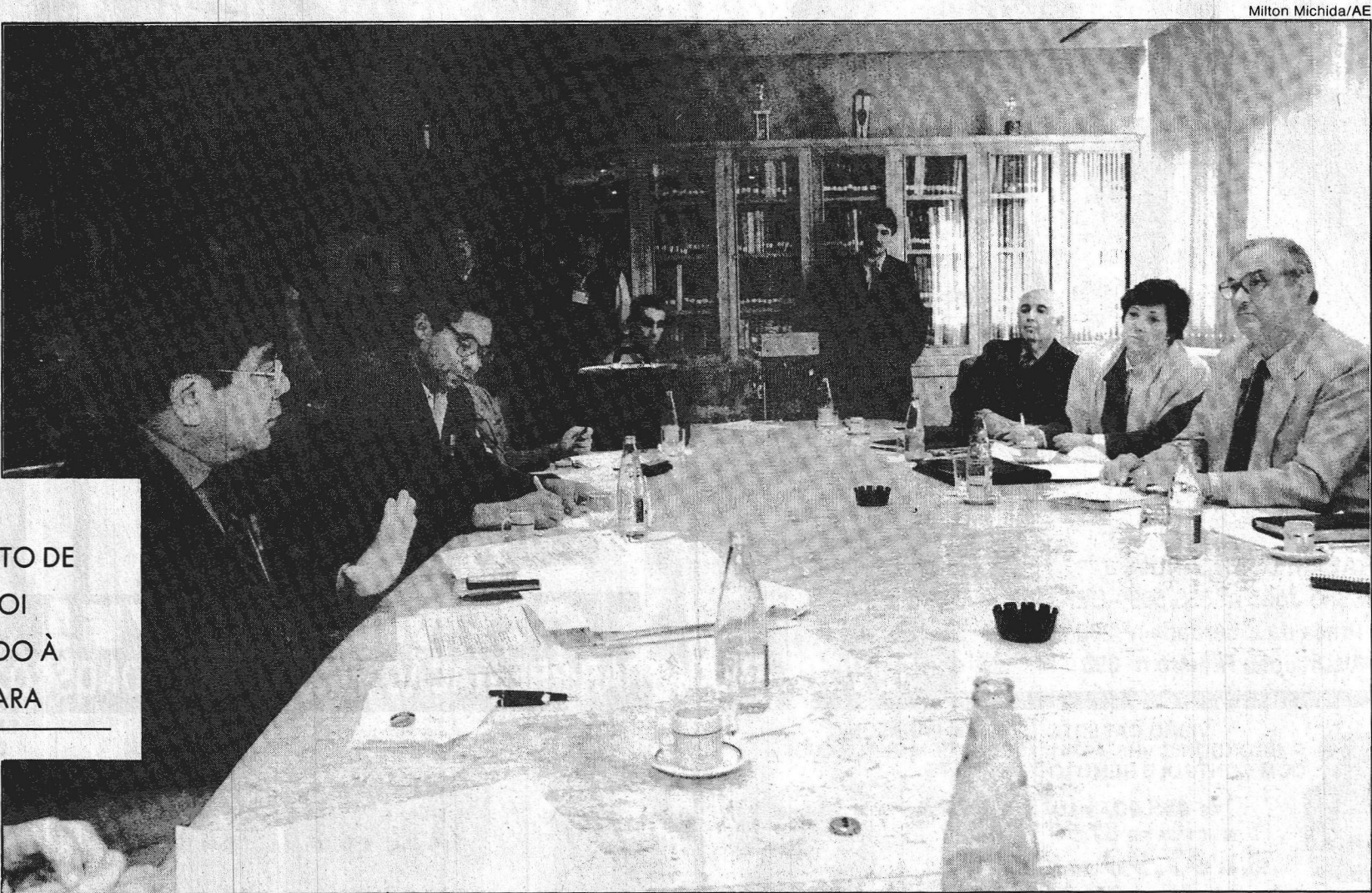
A polêmica que cerca o PAS alimenta-se, para Hanashiro, de resistência político-partidária à reforma do Estado, na qual ele inclui o plano. “Estamos promovendo a autogestão,” Guedes rebateu: “O nosso compromisso é com a saúde pública de livre acesso à população.” Nery quer respeito à Constituição de 88, que criou o Sistema Único de Saúde (SUS). O SUS assegura assistência à população em qualquer serviço público: “Saúde pública visa garantir direitos fundamentais de cidadania.”

Para Knoplich, um entusiasta do plano, o PAS é a terceirização baseada no estímulo à produtividade: “É a volta da clínica particular e do médico de família, a criação dos agentes de saúde.” Proença, médico que assume o primeiro mandato na Câmara Municipal, considera o plano inoportuno por ter abortado a negociação com o Estado para municipalizar hospitais e centros de saúde em pleno início de governo. “O PAS vai frustrar a população que acredita que terá agora um plano de saúde dos pobres”, disse.

Ainda que não tenha se unido ao PT no mandado de segurança encaminhado à Justiça estadual que barrou a criação imediata do PAS por meio de decreto, a bancada do PSDB deve se posicionar contrariamente ao projeto de lei mandado à Câmara, segundo Proença. “Nos termos em que está colocado, haverá uma posição unânime contrária”, afirmou. Cutait, que preside o Instituto para o Desenvolvimento da Saúde, defende soluções alternativas para o que ele classifica de “incapacidade que o Estado tem demonstrado de administrar bem, de atuar bem, de gerenciar bem, de financiar bem”.


Ele fez restrições ao modelo de assistência adotado no plano. A decisão do prefeito em enviar o projeto de lei criando o PAS à Câmara foi vista com bons olhos pelos participantes do debate. Para Knoplich, o prefeito ouviu sua sugestão de não entrar em briga judicial. “Sabemos que o PT não dará trégua”, contou. Proença considera que a Prefeitura cedeu na forma legal de encaminhar o assunto. “A briga na Justiça iria se arrastar indefinidamente e o mandato do Maluf terminaria antes”, avaliou. Tito Nery disse que o plano está desgastado pela forma como foi anunciado. “Isso pode influir na decisão dos vereadores.” Cutait alertou: “A decisão que resultar dessa avaliação é tão grave ou tão boa a longo prazo que precisa envolver uma discussão profunda.”

Leia amanhã
A segunda parte do debate sobre o Plano de Atendimento à Saúde (PAS)




Participantes do debate sobre o PAS: posturas diversas sobre a criação do plano de saúde desenvolvido pela Prefeitura de São Paulo

Milton Michida/AE



“Se for fazer uma pesquisa para saber se a população tem acesso universal ao atendimento, a resposta será negativa ”
Getúlio Hanashiro

Milton Michida/AE




“Aqueles postos de saúde que conseguem ter médicos funcionam e têm filas na porta, sai gente pelo ladrão ”
José da Silva Guedes

Milton Michida/AE



“Enquanto se discute o PAS, estamos há praticamente seis meses sem nenhuma intervenção na área de saúde ”
Tito Nery

Milton Michida/AE



“A frustração da população vai ocorrer, na minha opinião, depois do funcionamento do PAS, em um a dois meses ”
Nelson Proença

Milton Michida/AE



“Hoje, 70% dos atendimentos de urgência da cidade, por exemplo, são feitos nos hospitais da Prefeitura ”
Raul Cutait

Milton Michida/AE



“Estamos entendendo que o PAS permitirá ao médico internar nos hospitais públicos como se fosse numa clínica particular ”
José Knoplich